

A pesquisa fenomenológica e a enfermagem

Maria Dalva de Barros Carvalho^{1*} e Elizabeth Ranier Martins do Valle²

¹Departamento de Enfermagem, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.

²Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Av. Bandeirantes, 3900, Campus Universitário, 14040-902, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência.

RESUMO. Este trabalho tece considerações sobre a fenomenologia como método de pesquisa na enfermagem. Aborda as questões básicas da fenomenologia e aponta fenômenos humanos passíveis de serem investigados por essa metodologia. Destaca o aspecto humanizador da ciência na pesquisa fenomenológica e sua importância para a enfermagem, uma vez que sua prática é com o homem, precisando compreendê-lo no seu mundo vivido. O cuidar, finalidade da enfermagem, implica a coexistência e a participação na compreensão da vivência de estar doente, de estar são, de estar em equilíbrio, de estar vivendo.

Palavras-chave: enfermagem, fenomenologia, pesquisa.

ABSTRACT. Phenomenological research and nursing. Phenomenology as a research approach in nursing is provided and analyzed. The study investigates the basic problems of phenomenology and pinpoints human phenomena that may be focussed upon by this methodology. The humanizing aspect of science and its importance for nursing is highlighted as one of the characteristics of phenomenological research. This is due to the fact that nursing deals with people who require comprehension in the context in which they live. Caring, the aim of nursing, implies in coexistence and participation, in the comprehension of being sick, healthy, balanced, in being alive.

Key words: nursing, phenomenology, research.

O homem, como mero organismo, máquina em funcionamento, onde a soma das partes, e apenas essa soma, completa o ser, é, como geralmente tem sido visto pelas ciências das áreas de saúde.

A pesquisa nessas áreas tem procurado estabelecer causas para explicar os fatos que ocorrem com o ser humano. No estabelecimento da relação linear de causa-efeito, esse tipo de investigação recorre ao dedutivismo, à repetição dos eventos para o estabelecimento de uma generalização, quer dizer, ao objetivo, ao científico. Isso pressupõe uma separação radical entre o estudioso e o seu objeto de investigação, de tal modo que ele, cientista apenas reflita de forma objetiva sobre o que deseja conhecer. Vista dessa forma, a investigação funda-se na experimentação, que acaba se transformando na fonte de verdade para o conhecimento.

Dessa forma, essa modalidade de pesquisa está voltada para a observação dos fatos e para o significado destes, considerando-os em si mesmos (Forghieri, 1993).

O conhecimento, ou seja, a ciência, nessa perspectiva, é conceituada como uma sistematização metodológica, limitando-se aos fatos que podem ser verificados e às relações constantes entre eles.

A enfermagem no seu desenvolvimento histórico em direção à cientificidade também trilhou e trilha os caminhos da ciência dita positiva. Nesse seu trajeto em busca da maioria científica, a enfermagem inspirou-se no modelo tradicional biomédico das ciências naturais e experimentais. O modelo biomédico obedece às exigências do positivismo, que não aceita o conhecimento que não venha da experimentação.

As pesquisas que favoreceram a sistematização de um saber específico da enfermagem caracterizaram-se por esse teor positivista, concreto, palpável, comparável. Esse direcionamento no pensar e no fazer pesquisa acabou influenciando decisivamente na prática da enfermagem. Passou de um fazer empírico, assistemático, a uma prática voltada para o objetivo, para os resultados, para o fim em si mesmo.

Com o vigoroso avanço científico dos últimos tempos, a enfermagem sofreu profundas modificações, que se caracterizaram principalmente pela fragmentação, pela compartimentalização do objeto de seu cuidado. Como consequência lógica e, poderíamos dizer inevitáveis, dessa fragmentação, surgiram e se impuseram de forma efetiva as regras, rotinas, normas e regulamentos, que acabaram por

massificar o cuidado de enfermagem. Mais do que isso, esse cuidado se tornou de tal modo impessoal que se referia mais à doença que ao homem, perdendo a visão do todo humano. A sofisticada tecnologia, os aparatos mecânicos que possibilitaram o prolongamento artificial da vida, os transplantes, a obstinada luta contra a morte e a doença, colocaram o homem e sua humanidade em segundo plano, quando do assistir, do cuidar da enfermagem.

A Sistematização da Assistência de Enfermagem compreendida como ordenamento e direcionamento ao trabalho do enfermeiro, como metodologia da profissão de enfermeira (George, 1993), que permite uma prática sistemática, objetiva, científica, não escapa também da armadilha da perda da humanidade do indivíduo a quem essa assistência está sendo prestada.

Ferraz *et al* (1991), em relação a essa faceta do exercício profissional, comenta que a Sistematização da Assistência de Enfermagem tem favorecido a normatização do cuidado, que acaba homogeneizando e massificando a assistência, através de planos rotinizados, privilegiando a patologia, a terapêutica e a tecnologia.

Estes caminhos de investigação e assistência embora dicotomizem a relação sujeito/objeto, não se mostram, suficientes para desvendar as complexas situações que envolvem as relações saúde-doença e o cuidar em enfermagem. É forçoso reconhecer a necessidade de um novo modo, uma nova forma de ver o homem, de investigá-lo e, nesse caso, o homem na relação saúde-doença e o homem no cuidar na enfermagem, na sua totalidade, analisando-o como ser concreto que vive o fenômeno na totalidade de sua existência (Ferraz *et al.*, 1991).

Colocada como a terceira via entre o positivismo e o discurso especulativo da metafísica, a fenomenologia aparece como método alternativo de pesquisa. Como qualquer outro, não é o único nem o melhor, mas uma trajetória escolhida pelo investigador e que tem significado para ele. Essa terceira via é aquela que, antes de todo raciocínio, colocaria-nos no mesmo plano da realidade, ou como diz Husserl, das “coisas mesmas” (Dartigues, 1973).

A fenomenologia tem como princípio que o que fundamenta todas as ciências é uma volta ao mundo da experiência, ao mundo vivido. Essa postura rompe de modo definitivo com o modelo das ciências naturais: antes da realidade objetiva há um sujeito conhecedor, antes da objetividade há o horizonte do mundo e antes do sujeito, da teoria do

conhecimento, há uma vida operante (Martins *et al.*, 1990).

Assim, voltada para a experiência, a reflexão fenomenológica inclui a possibilidade de olhar as coisas como elas se manifestam.

Experienciando-se o mundo, este se abre para o homem, e esse abrir para o homem, esse se desvelar para o homem, é o fenômeno¹.

A preocupação da fenomenologia é descrever o fenômeno, não explicá-lo; é compreendê-lo, não achar relações causais. A descrição rigorosa do fenômeno é que permite chegar à sua essência².

Ao se voltar para as coisas mesmas e para o mundo vivido, objetivando apreender a essência do fenômeno, acaba-se por negar sujeito e mundo como existentes independentes um do outro. O objeto do conhecimento não é nem o sujeito, nem o mundo, mas o mundo enquanto vivido pelo sujeito. Essa concepção põe em evidência o conceito de intencionalidade da consciência, isso é, a sua direção.

Segundo Chauí (1996), a consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos, com os quais ela visa algo. Os atos da consciência são noesis³ e o que é visado por ela são os noemas⁴.

Todos os atos humanos são intencionais e essa intencionalidade sempre é um comportamento dirigido a alguma coisa no mundo. A consciência portanto, é sempre consciência de alguma coisa. Ela só é consciência quando dirigida para um objeto, e o objeto só pode ser definido em relação com a consciência, ele é sempre objeto para um sujeito (Dartigues, 1973). Daí se conclui que consciência e objeto não são entidades separadas, mas que se definem a partir dessa correlação entre o interior que se volta e o objeto para o qual ele se volta. Sujeito e objeto estão intimamente ligados. Dessa forma, a fenomenologia não vê o homem separado do mundo, mas busca focalizar a forma pela qual o mundo se apresenta ao homem. Assim, o mundo pode ser considerado como fenômeno, como ele se mostra ao homem (Merleau Ponty, 1994).

¹ Fenômeno : Tudo que se mostra, se manifesta, se desvela para a consciência. Do grego *phainomenon* significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra para o sujeito interrogador (Martins e Bicudo, 1989).

² Essência: visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo (Dartigues, 1973).

³ Noesis: aspecto subjetivo da vivência, constituído por todos os atos de compreensão que tendem a apreender o objeto, como o perceber, o recordar, o imaginar.

⁴ Noemas: aspecto objetivo da vivência, ou seja, o objeto considerado pela reflexão em seus diferentes modos de ser dado (por ex: o percebido, o recordado, o imaginário). O objeto é distinto do noema, por exemplo, o objeto de percepção da árvore é a árvore, mas o noema desta percepção é “o percebido enquanto tal” (Abbagnano, 1986).

Essa possibilidade de abertura, de ir em direção às coisas mesmas, àquilo que vai se apresentar como fenomenal, no sentido do que se mostra à experiência, exige um olhar cuidadoso, meditativo. Esse olhar deve preceder qualquer teoria, preconceitos, crenças ou explicações, quando o fenômeno se mostra.

Esse olhar é o que Husserl chamou de epoché: suspensão ou parada; uma saída da maneira comum de olhar e abandonar os preconceitos e pressupostos em relação a ela (Martins *et al.* 1990). Significa suspender as crenças referentes ao mundo natural, assumindo uma atitude neutra, não no sentido de negar o mundo ou as experiências, mas sim, de refleti-los e questioná-lo. Isso possibilita o emergir do sentido de fatos que não tinham sido observados.

Com essa atitude, a trajetória fenomenológica procura estabelecer um contato direto com o fenômeno que está sendo vivido. Para compreender esse fenômeno é preciso então buscar a descrição da experiência pelos sujeitos que o vivenciam. A essência objetivada pela fenomenologia não é um conteúdo conceitual passível de definição, mas uma significação da essência existencial, que como tal deve ser descrita. Essa descrição deve ser a mais natural e espontânea possível; não é opinião nem o que se pensa, mas o que o sujeito está experienciando. Uma palavra, uma definição não poderá dizer o que há a dizer. É preciso recorrer ao discurso, à descrição, para a aproximação maior possível da densidade semântica do fenômeno humano (Rezende, 1990).

A descrição de experiência por quem vivencia um fenômeno é o caminho para a compreensão dele, e a linguagem é uma das formas que se abrem para essa compreensão. A linguagem não tem função apenas de comunicação, mas também de revelação de um ser que existe em si e para os outros, como singular e idêntico (Augras, 1981). A linguagem, por tanto, não é só um modo de expressão, mas nela se manifesta a essência daquilo que somos. Para Heidegger toda compreensão se consuma na linguagem. A totalidade significativa da compreensibilidade vem à palavra (Heidegger, 1995)⁵.

Compreender um comportamento humano é percebê-lo do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, logo, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico (Dartigues, 1973).

Na compreensão está sempre subentendida a interpretação. Ela possibilita ao investigador aceitar os resultados da redução como afirmativas que têm significados para ele, “*mas que apontam para a experiência do sujeito, isto é, apontam para a consciência que este tem do fenômeno*” (Martins, 1992). A interpretação refere-se ao fenômeno que é percebido e vivido; na realidade trata-se de interpretar a existência.

Retomando a pesquisa em enfermagem nos moldes das ciências naturais, certos fenômenos, tais como: morte, vida, saúde, doença, dor e sofrimento, que habitam o mundo cotidiano da profissão, não se permitem ser atingidos em sua compreensão. Assim, “*o conceito de saúde, bem como o conceito de vida, não são definidos com precisão. A doença é uma facticidade não só do corpo de alguém, mas de todo o seu ser humano, de ser-no-mundo*” (Capalbo, 1994).

A pessoa que fica doente não está só, está em relação com os outros, estes são co-presentes. Se uma das finalidades da enfermagem é o cuidar do outro, isso implica a coexistência e a participação, na compreensão da vivência de estar doente: compreender.

No mundo da vida da enfermagem, no seu aspecto profissional, está inserida a consciência intencional desses profissionais. De acordo com Capalbo (1994), essa consciência se volta para o mundo e retorna para si mesma. Ela se abre para o mundo e aos outros no entrecruzamento de suas experiências vividas e se volta para si mesma como consciência de si, centro irradiador de intenções, desejos, vontades, sentimentos e ações, como um ego temporal e histórico.

A pesquisa fenomenológica na enfermagem alerta no sentido de que fenômenos como saúde-doença, vida-morte, relações enfermeiro-paciente, não podem ser compreendidos isolados da pessoa que os vive concretamente na totalidade de sua existência. É preciso compreender o fenômeno no ser que o vivencia, numa maneira humana de existir, na qual esse ser concreto está existencialmente confrontado (Capalbo, 1994).

Tratar essas questões sob o prisma objetivado do empirismo, longe da situacionalidade de quem o experiência, é não estar comprometido com a autenticidade do mundo-vida, mais do que isso, é acreditar que o fenômeno se esgota em si mesmo, e não que ele se dá em perspectiva, havendo sempre facetas a serem desveladas.

O trabalho da enfermagem é com o humano, o que propicia o olhar fenomenológico para o outro situado no mundo em sua totalidade de vida. Ele está no mundo de maneira dinâmica; não é pronto e acabado, mas um vasto horizonte de possibilidades,

⁵ “A compreensibilidade do ser-no-mundo, trabalhada por uma disposição, se pronuncia como discurso. Existencialmente, o discurso é linguagem porque aquele ente, cuja abertura se articula em significações, possui o modo de ser-lançado-no-mundo, dependente de um mundo” (Heidegger, 1995, p.220).

que vão se concretizando ou não, no transcorrer de sua existência, através da liberdade.

Existe, então, uma inter-relação e uma interdependência entre enfermeiro e o ser humano que é cuidado e investigado, sendo possível afirmar que um e outro são sempre sujeitos e objetos que se inteiram e interagem para uma consciência. Nesse sentido, a fenomenologia se mostra como um caminho importante para a pesquisa e, conseqüentemente, para a prática em enfermagem, já que é um chamado à reflexão, à compreensão, algo inerente ao ser-humano, e um contraponto “às teorias do conhecimento, modelos de enfermagem e mais um universo tecnológico presente” (Ferraz et al., 1991) que acabam impedindo o pesquisador de enxergar o simples, esquecendo o fundamental.

O caminho fenomenológico não pode ser imposto ao pesquisador, sequer sugerido. Precisa ser basicamente uma opção, uma visão de mundo. Sendo assim, a postura do investigador difere fundamentalmente da do pesquisador das ciências naturais, pois procura compreender o homem como sujeito que tem seu mundo vivido para ser desvelado e, para tanto, vai buscar sentido nas suas falas e ações. Empatia, integração, participação, diálogo, liberdade pessoal e social, encontro, intersubjetividade, perpassam uma situação de pesquisa nessa modalidade (Capalbo, s.d.).

O adoecer e o morrer são algumas das inúmeras possibilidades que tem a vida e que, por sua indeterminação, podem ocorrer a qualquer momento. O homem tem consciência do seu existir e da sua finitude. Ele é um horizonte de possibilidades e o tempo é constitutivo do seu existir. Sua vida é orientada para o futuro, mas o passado também faz parte do existir presente. Essas possibilidades inerentes ao viver sofrem um impacto, desestruturam-se frente a ameaças como dor, medo, sofrimento. Isso acaba por bloquear suas perspectivas de futuro.

As mais variadas reações ocorrem com o homem que enfrenta a situação de doença. Pode deixar de ser-si-mesmo fugindo da situação, transferindo o controle de si para outro; assumir sua autenticidade e voltar-se para si mesmo, aceitando o sofrimento.

A doença traz modificações, e exige adaptações por parte de quem adocece. Existem mudanças concretas e objetivas como a quebra da rotina, o estar em ambiente estranho, e mudanças subjetivas, como os limites pessoais, dependências, impotências e isolamento.

O ser doente é difícil de ser apreendido e interpretado. Não há um doente efetivo, mas um projeto em andamento e um “tempo vivido doente”

pelo ser, com possibilidades, vitórias ou derrotas (Olivieri, 1985). Por isso o pesquisador deve ser engajado, compromissado com o ser humano. A participação do pesquisador então é inevitável, e sua presença não é apenas física, ele carrega também sua visão de homem e de mundo, que precisa ser explicitada.

A relação pesquisador / sujeito deve ter como suportes a cooperação e a participação. O sujeito não pode se sentir questionado, avaliado; ele, seu discurso e suas ações podem ser a chave para a compreensão das situações investigadas, permitindo ao pesquisador penetrar no seu mundo vivido.

Estimular o sujeito a participar da investigação é colocá-lo por inteiro na situação, e desse modo, facilitar a cooperação e a participação.

A coleta de dados manifesta-se como intersubjetividade, já que é o encontro entre o sujeito que conhece e vivencia uma situação e o pesquisador que a desconhece.

A atitude de empatia, o diálogo, a liberdade e a cooperação do investigador que vai favorecer a compreensão, levam ao alargamento de seu horizonte, fundindo-o com o horizonte do pesquisado.

À fenomenologia coube mostrar outro caminho de opção além da ciência dita positiva, voltar ao mundo da vida, humanizar a ciência, buscar um sentido para as coisas. É preciso mais que conhecer a coisa em si, é preciso conhecê-la em si mesmo. Está interessada naquilo que é factível. Não pretende dar um caminho aos fatos, mas desvelar os caminhos dos fatos, o seu acontecer.

Esse caminho pode ser trilhado pela enfermagem, porque sua prática é com o ser humano em situações de saúde-doença, ao longo de sua etapa evolutiva e necessita compreendê-lo no seu mundo vivido, o qual é o campo do conhecimento humano.

Nessa perspectiva “há interesse pela totalidade do homem, por sua unidade de vida, pelo seu ser de liberdade e participação responsável por suas vivências” (Capalbo, 1994).

Referências

- ABBAGNANO, N. *Diccionario de filosofia*. México: Fondo Cultura Economica, 1986.
- AUGRAS, M. *O ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CAPALBO, C. *Considerações sobre o método fenomenológico e a enfermagem*. *Rev. Enf. UERJ*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.26-32, 1994.
- CAPALBO, C. *Fenomenologia e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Ozen Editor, sd.

- CHAUÍ, M.S. Vida e Obra. In: Pensadores. Heidegger. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- FERRAZ, C.A. Sistematização da assistência de enfermagem no referencial fenomenológico. Ribeirão Preto, Anais (Semana Wanda de Aguiar Horta), 1991.
- FORGHIERI, Y.C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa.* São Paulo: Pioneira, 1993.
- GEORGE, J.B. *Teorias de enfermagem.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo.* Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- MARTINS, J. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poésis.* São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.* São Paulo: Moraes/Educ, 1989.
- MARTINS, J. *et al.* A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa—algumas considerações. São Paulo: *Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa. Qualitativa*, cad. 01, 1990.
- MERLEAU PONTY, M. *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- REZENDE, A. M. *Concepção fenomenológica da educação.* São Paulo: Cortez, 1990.
- OLIVIERI, D.P. *O ser doente.* São Paulo: Moraes, 1985.

Received on February 08, 2002.

Accepted on May 20, 2002.